
**Breve relato de pesquisa-
A poética da dor: trágicas narrativas
no cinema de Pedro Costa**

Ana Flávia de Andrade Ferraz
Doutora. Ufal

Resumo: A presente pesquisa se propôs a analisar as possibilidades do trágico no cinema contemporâneo, repensando as fronteiras entre a tragédia e o trágico que, embora em alguns momentos se apresentem borradas – demonstrando a inexistência do segundo sem sua forma objetiva–, em outros se delimitam mais fortemente, sugerindo um caminho autônomo para as narrativas trágicas. Desta forma, refletimos, por meio da análise da obra do cineasta português Pedro Costa, sobre a possibilidade da manifestação de ambos na arte cinematográfica contemporânea. Para incursionar neste terreno buscamos referência tanto no texto canônico de Aristóteles quanto nos estudos mais atuais sobre o trágico e a tragédia, especialmente nas obras de Albin Lesky, Jean-Pierre Vernant, Peter Szondi, Terry Eagleton, Raymond Williams e outros. A partir das observações promovidas por esses teóricos, nos aprofundamos sobre as questões trágicas da obra do cineasta português, na qual a tragédia é fruto da experiência social, política e econômica. Nela, a tragicidade se dá por meio da desigualdade, injustiça e das privações geradas pela sociedade atual, o que permite lançar um olhar sobre a construção do herói trágico atual e sua dor, em uma narrativa onde já não há mais lugar para deuses nem oráculos, abrindo possibilidades para a revelação do ser humano a partir de suas tragédias pessoais. Para isso, combinou-se o estudo da trajetória do cineasta e de sua poética nas obras *do Ciclo das Fontainhas: Ossos, No quarto da Vanda, Juventude em Marcha e Cavalo Dinheiro*.

Palavras-chaves: tragicidade; trágico social; dor trágica; cinema contemporâneo português.

Introdução:

A tragédia, que se inicia na Grécia antiga em 334-330 a.C., ampliou-se e não mais se restringe à dramaturgia de Ésquilo, Eurípides e Sófocles. Embora se admita a impossibilidade da configuração da tragédia grega nas sociedades contemporâneas, isso não impede que encontremos reatualizações dos conflitos trágicos na atualidade. Da Antiguidade, passando por Shakespeare, Racine, Corneille, a tragédia sobrevive e se coloca enquanto gênero. No século XX, dramaturgos, cineastas e escritores revisitaram os tragediógrafos gregos com a proposta de trazer os mitos milenares para a discussão da sociedade contemporânea.

No cinema, Pasolini talvez seja a figura principal destas releituras. Nos anos 1960, o diretor leva para o cinema os textos gregos *Édipo Rei* (1967) e *Medeia* (1969), e faz uma releitura da obra de Ésquilo em *Notas para uma Oréstia Africana* (1970). O cineasta grego Michael Cacoyannis também reconta os mitos gregos através das películas *Electra* (1962), *As Troianas* (1965) e *Iphigenia* (1977). O polêmico dinamarquês Lars Von Trier leva, desta vez para a televisão, o mito da feiticeira da Cólquida, *Medeia*, em 1985.

Porém, se na essência a originalidade do conceito de tragédia se constituiu como um gênero dramático oriundo da Grécia antiga, atualmente ele compreende um vasto campo de conhecimento. Tragédia e trágico são, portanto, palavras que evocam uma pluralidade de sentidos e percepções. Ainda que as primeiras narrativas trágicas tenham sido encenadas nas Dionisíacas Urbanas, a tragédia transformou-se, ao longo do tempo, em uma categoria que ultrapassa a sua designação primeva. Da Grécia antiga à contemporaneidade, o termo veio sofrendo modificações até distanciar-se completamente da definição aristotélica, a ponto de chamarmos hoje tragédia a todo tipo de acontecimento desagradável.

Se na atualidade a reprodução da tragédia tal qual se encenava na Grécia antiga é impossível, seja pela descrença do homem moderno em deuses e na punição sobrenatural (WILLIAMS, 2002), seja pela cisão entre o mítico e o racional, ou por vivermos numa época em que a morte é banalizada (KOSIK, 1996, p. 4-5), o trágico como experiência está cada dia mais em voga. Um breve passeio pelos noticiários repletos de guerras, mortes e crimes passionais

comprova que as narrativas trágicas não morreram com os poetas áticos. Dessa forma, como afirma Lesky, “a noção de que o nosso mundo é trágico em sua essência mais profunda é bem mais antiga que a nossa época, mas compreende-se que especialmente esta se sinta dominada por ideias desse tipo” (2010, p. 26).

Essa resistência do sentido trágico demonstra a possibilidade de sua existência no mundo contemporâneo, e, por isso, a importância de sua análise na obra de arte, visto que é por meio das expressões artísticas que os sujeitos criam formas poéticas para traduzir seu mundo particular. Por entendermos que as narrativas trágicas persistem na arte atual, a presente pesquisa pretende analisar de que forma elas se revelam no cinema contemporâneo, tendo como objeto a obra do diretor português Pedro Costa.

Trata-se, portanto, de trilhar um caminho que se inicia com os elementos constitutivos da tragédia ática e seguirá com a poética do trágico na contemporaneidade. O trágico, como categoria cultural ampla, presente na literatura, no teatro e em outras expressões artísticas, será analisado aqui a partir da linguagem cinematográfica. Quais são as formas contemporâneas da tragicidade? Sobre o que nos falam? Que dor e sofrimentos refletem? Como se apresentam na poética do diretor português Pedro Costa? Estas perguntas procuraremos responder ao longo de nosso trabalho.

Olhar para a tragédia ática remete-nos ao passado, mas não nos prende a ele. Revisitando-o, repensaremos o presente numa abordagem ancorada nos tempos atuais. Embora se recorra à fortuna crítica acumulada por vários séculos e ao pensamento da poesia ática, o foco dar-se-á nos deslocamentos sofridos pelo gênero, remetendo-nos ao caráter atual do trágico e sua configuração na arte cinematográfica. Se, como afirma Bornheim (1975, p. 70), “estudando os antigos é que se pode tentar compreender a essência da tragédia”, nos aproximamos de Aristóteles, mas logo dele nos afastamos ao perceber novas e diferentes configurações no gênero trágico atualmente. Dessa forma, a pesquisa faz-se pertinente aos estudos da comunicação e do cinema, porquanto discute um gênero ainda pouco explorado, apesar de bastante presente na arte cinematográfica.

Metodologia:

Este trabalho adotou como principal aporte metodológico a análise fílmica. assumimos que a proposta metodológica comporta dois movimentos: a descrição e a interpretação. A primeira ocorre na fase da decomposição do texto fílmico, representando um tempo de reconhecimento; ao passo que a interpretação emerge no momento da recomposição, o que consiste uma tarefa pessoal do investigador em uma chave específica de leitura que é dada pelo analista (CASSETTI; CHIO, 2007, p. 23). É possível então afirmar que o analista sempre apresenta uma compreensão preliminar do objeto analisado, um conhecimento prévio do que se pretende analisar e uma hipótese exploratória que conduzirá o seu olhar, sem, contudo, encarcerá-lo.

Tomando como base a sugestão de Penafria (2009, p. 4), em que “a análise de filmes deverá ser realizada tendo em conta objectivos estabelecidos *a priori* e que se trata de uma actividade que exige uma observação rigorosa, atenta e detalhada”, concentraremos nosso estudo em algumas categorias de análise (tragédia social, tragédia pessoal e dor trágica) e outras subcategorias (pobreza, desigualdade, solidão, injustiça, drogas, migração, abandono, dor não apaziguada, dor da injustiça, dor sem sentido, dor do desamparo), que, presentes na narrativa costiana, contribuem para sublinhar o trágico. Evidenciamos que nossas análises não se limitaram apenas às observações dos aspectos internos do filme e, para tal, utilizamos informações extrafílmicas, que abrangem tanto elementos anteriores quanto posteriores à divulgação da obra, tais como: entrevistas, diário de filmagens, críticas de jornais e outros documentos que ampliam a fortuna crítica em torno da obra de Pedro Costa. Ainda que admitamos não haver uma metodologia única de análise, optamos por seguir o modelo da desconstrução descritiva e reconstrução interpretativa, buscando identificar de que forma a poética costiana se apresenta nas análises dos elementos estilísticos (iluminação, enquadramento, movimento de câmara, trilha sonora etc.), temáticos (sobre o que fala) e narrativos (como fala).

Delimitamos como *corpus* de análise, quatro longas-metragens dirigidos pelo cineasta português ao longo de vinte anos de produção e que compõem o chamado *Ciclo das Fontainhas* que são *Ossos* (1997), *No quarto da Vanda* (1999), *Juventude em marcha* (2006) e *Cavalo Dinheiro* (2014).

Considerações finais:

Ao longo da pesquisa, procuramos demonstrar a permanência das tragédias, analisando-as à luz do contemporâneo. Não se tratou, portanto, de refletir a tragicidade numa perspectiva engessada ou imutável. Ao contrário, buscamos analisar as experiências trágicas tendo como ponto de partida as transformações ocorridas na própria sociedade.

Entre as inúmeras possibilidades de análises da tragicidade, elencamos duas perspectivas, a tragédia social e a tragédia pessoal, que se foram delineando, por meio, primeiro, da observação das temáticas emergidas e da forma como elas se apresentam e, segundo, dos elementos estéticos que o realizador utiliza em seus filmes: iluminação, planos, montagem.

No trabalho, percebemos como Pedro Costa inaugura uma nova estética quando subverte a definição clássica de documentário e traz para seus filmes documentais elementos que pareciam exclusivos aos filmes de ficção, ressaltando, assim, a característica híbrida de suas produções.

Outra de sua marca é o tempo dedicado a seus filmes, demonstrando um engajamento político ao mesmo tempo em que traz para sua produção as personagens com quem trabalha, fazendo desta forma com que seu cinema não apenas fale do gênero humano, mas, sobretudo, com o gênero humano. É sem dúvida um cinema dedicado ao tempo da produção, do reconhecimento do outro, das falas, das histórias e das memórias do outro. Um cinema, enfim, colaborativo e construído coletivamente.

É também um cinema pós-colonial, pois negando a ideia de nação tão fortemente vinculada ao *Novo Cinema Português*, traz elementos de uma identidade portuguesa que também admite outras narrativas, tal como a dos imigrantes africanos. Seu cinema diaspórico evidencia os modelos de organização social e os modos de reinvenção das identidades culturais da população negra, que migra para outros mundos e transita entre o país de destino e as relações que mantém com sua origem africana.

Referências Bibliográficas:

ANTUNES, Marina Manuela. **Estrela d'África**, um bairro sensível. Um estudo antropológico sobre jovens na cidade da Amadora. Tese de doutorado do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Lisboa, 2002.

ARISTÓTELES. **Poética**. (Tradução Eudoro de Souza). Porto Alegre: Globo, 1966.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. (Tradução: Marcelo Felix). Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2004.

CASSETTI, Francesco; CHIO, Federico di. **Cómo analisar um film**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2007.

COSTAa, Pedro. **O cinema de Pedro Costa**. Centro Cultural Banco do Brasil, 2010.

EAGLETON, Terry. **Doce violência: a ideia do trágico**. (Tradução: Alzira Allegro). São Paulo: Editora Unesp, 2013.

LESKY, Albin. **A tragédia grega**. (Tradução: J. Guinsburg, Geraldo Gerson de Souza e Alberto Guzik). São Paulo: Perspectiva, 2010.

MACHADO, Roberto. **O Nascimento do Trágico: De Schiller a Nietzsche**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acesso em: 03 de dezembro 2015.